

ANÁLISE DO FILME *UN FILM COMME LES AUTRES*, DO GRUPO DZIGA VERTOV

– MARCELA AZEREDO SANTOS FLEURY

RESUMO

Durante os acontecimentos de Maio de 1968, Jean-Luc Godard (1930), importante nome da Nouvelle Vague, começa a se dedicar à produção coletiva. Com o estudante Jean-Pierre Gorin, funda o Grupo Dziga Vertov (1968-1972). Nessa nova proposta, o diretor produz nove filmes essencialmente políticos. Rompendo com o cinema tradicional, com as produtoras e com as salas de cinema, a partir de 1968, Godard começou a entender o novo público, politizado pela conjuntura, não mais como um mero espectador. Este trabalho pretende analisar a prática do grupo Dziga Vertov no filme *Un film comme les autres* (1968), a primeira obra de criação coletiva realizada pelo Grupo Dziga Vertov.

Palavras-chave: Jean-Luc Godard; Nouvelle Vague; Maio de 1968; Grupo Dziga Vertov; Coletivo cinematográfico.

ABSTRACT

During the events of May 1968, Jean-Luc Godard (born in Paris on December 3, 1930), an important name of the French movie movement "Nouvelle Vague" (New Wave), began to devote himself to the collective production. Together with the student Jean-Pierre Gorin, he founded the Dziga Vertov group (1968-1972). In this new proposal, the director produces nine essentially political films. Breaking up with the traditional cinema, production companies and movie theaters, from 1968 onwards Godard began to understand this new public, politicized by the conjuncture, no longer just as simple viewers. This paper aims to analyze the practice of the Dziga Vertov group in the film "Un film comme les autres" (A movie like any other – 1968), the first collective creation film made by the Dziga Vertov group.

Keywords: Jean-Luc Godard; Nouvelle Vague; May 1968; Dziga Vertov Group; Film collective

INTRODUÇÃO

No final dos anos 1960, marcados pelos conflitos políticos, surgiram os questionamentos dos artistas e cineastas com relação ao engajamento político. No caso da França, ocorreu a ruptura entre os integrantes da Nouvelle Vague. Godard optou pela ruptura. Junto com o jovem militante Jean-Pierre Gorin, Godard formou o grupo Dziga Vertov e passou a produzir filmes intensamente politizados, que revelam uma mudança no seu modo de fazer cinema. Antes de 1968, Godard rompera com o cinema clássico e dramático, produzindo um cinema *pop* com cenas cotidianas e espontâneas, de ritmo fragmentado e descontínuo. Após 1968, Godard seguiu produzindo cenas espontâneas e gestos do cotidiano, mas, nessa nova fase, estava inserido em um cotidiano politizado. A partir de uma colagem de cenas dos protestos de Maio de 1968, intercaladas com a filmagem de uma reunião de estudantes, *Un film comme les autres* foi o primeiro longa-metragem do grupo Dziga Vertov.

ABERTURA E FECHAMENTO DO FILME

Na abertura do filme, vemos o título manuscrito sobre uma fotografia. As palavras manuscritas são frequentes no cinema de Godard durante a Nouvelle Vague, mas, nessa foto da abertura, os protagonistas da imagem são dois jovens construindo um muro, possivelmente dois operários. A imagem segue estática por alguns segundos para que o espectador possa analisar cada elemento. Assim, logo na abertura, temos uma forte marca de 1968: o protagonismo operário.

“Um filme como os outros” – propõe o título manuscrito, mas o filme se contrapõe a esse enunciado, já que inaugura a nova fase. Podemos dizer que o título propõe uma ironia com a fase anterior.

O fechamento do filme é bastante semelhante: um cartaz com as palavras manuscritas “bleu” (azul) e “rouge” (vermelho), escritas em suas respectivas cores. Enfileiradas separadamente com um vão branco no meio, a imagem sugere uma bandeira da França. Porém o jogo de câmera revela outra tentativa. A câmera foca em direção ao “vermelho” e depois ao “azul”, enquanto toca uma música de protesto. Por fim, foca na palavra “vermelho”, mostrando a opção do grupo Dziga Vertov pelo engajamento sociopolítico e pelas temáticas revolucionárias de esquerda.

Não é um filme como os outros, é uma virada política do diretor. Essa mudança e esse rompimento com o passado foram produto da conjuntura de Maio de 1968, que deixou sua marca em todos os setores da sociedade.

FIGURA 1,2



A REUNIÃO DOS ESTUDANTES

Trata-se de um *close* (plano fechado) de uma reunião informal entre estudantes. Posteriormente, em outra cena, a câmera filma essa reunião em plano geral, e descobre-se que a cena ocorre em frente à fábrica da Renault, em Flins.

A filmagem da reunião dos estudantes parece flertar com o cinema-documentário, mas não com um cinema-documentário convencional. O enquadramento não se preocupa em revelar o rosto dos estudantes: filma uma estudante

de costas e, em dado momento, enquadra até mesmo a grama, impedindo uma visão clara da cena.

A câmera se concentra em imagens que convencionalmente seriam ignoradas e cortadas na edição final. A espontaneidade e a fragmentação são elementos típicos da Nouvelle Vague e induzem, erroneamente, o espectador a acreditar que se trata de um filme como os outros já produzidos pelo diretor. No entanto, essa seria uma dedução apressada, pois *Un film comme les autres* foi o início de uma busca por novos valores e sentidos para a imagem.

FIGURAS 3, 4



FIGURAS 5, 6



Os personagens não têm características distintas, tampouco nomes, e não vemos o rosto dos estudantes em momento algum, apesar de a câmera estar sempre próxima. São estudantes que durante todo o filme conversam sobre suas questões, discutem e argumentam, mas também se complementam. Juntos, elaboram conclusões mais complexas.

Discutem, essencialmente, o que é ser revolucionário. Tentam entender como é possível ser revolucionário e estudante ou intelectual ao mesmo tempo. Parecem imersos em uma crise. Sabem que “ser estudante é um privilégio de classe” e que, para ser um revolucionário, seria preciso combater sua própria

classe. Pensam em entrar nas fábricas para ajudar os operários, pensam até em virar operários.

Ao longo do filme, o espectador acompanha o desenvolvimento da complexidade do pensamento dos estudantes; no fim, percebe a real questão que os acompanha: como se organizar sem um partido revolucionário.

Apesar de provavelmente não ser a questão do grupo Dziga Vertov, essa foi a razão central da derrota dos levantes tão radicais de Maio de 1968. Os sindicatos e o Partido Comunista francês não eram capazes de impulsionar o movimento em direção à revolução – e sequer o pretendiam. Maio de 1968, desde o início, estava fadado ao fracasso, caso não fosse capaz, como aliás não foi, de construir um partido revolucionário durante as mobilizações.

Apesar de Godard provavelmente não trabalhar essas questões intencionalmente, elas estavam latentes naquela conjuntura. Sempre que se discutem a fundo questões e reflexões de 1968, entra-se na pergunta óbvia de por que falhou. Podemos hoje historicamente apontar que a falha se deu pela crise de direção do proletariado¹.

A VOZ OVER

Duas vozes, uma feminina e uma masculina, são usadas para explicar as situações do filme. Aparecem durante a colagem de imagens de protestos. Comentam dados da conjuntura, tanto dados econômicos como políticos, de maneira descontínua e poética:

Voz over masculina: — 1967, pesquisa da IFOP: 37% [da população] acredita que haverá uma guerra mundial antes dos anos 2000 (...). 72% [da população] acredita que o problema do desemprego não será resolvido. 58% [da população] pensa que na França bebia-se mais vinho do que agora [sobre a perda do poder de compra na França em 1968].

Voz over feminina: — Inúmeras prisões! Explosão da polícia! Quem? (...) Quando? Em janeiro de 1968.

Essas vozes ajudam também a entender o debate dos estudantes. São como comentadores que explicam o momento histórico da discussão travada, uma maneira de descontinuar as ações dos estudantes, que são longas e monótonas.

Existem momentos em que a voz over confunde o cenário de Maio de 1968 com o contexto da Revolução Russa. Narrando os protestos estudantis, na mesma sentença a voz over comenta:

— A classe operária russa foi dizimada pela guerra civil.

[1] “As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.” (Trotsky, 2009, s/p.)

— Em sua luta contra Stalin, Trotsky é apoiado pelo Exército Vermelho e pelos jovens estudantes. Ele hesita em lançá-los contra o aparelho do partido que Stalin tomou.

As narrações são extremamente interessantes, trabalhando os dois momentos históricos e tentando tecer paralelos.

AS IMAGENS DE PROTESTOS

As cenas da reunião dos jovens estudantes são intercaladas com imagens dos protestos de Maio de 1968. São cenas gravadas por vários cineastas. A intensidade dos eventos históricos da época instigou os artistas a se posicionarem, e seus posicionamentos eram revelados em suas obras. As posições políticas dos diretores da época influenciavam diretamente o fazer cinematográfico. Um novo cinema estava surgindo, um cinema que sintetizava as mudanças sociais.

A colagem de imagens dos outros cineastas é impactante, formando cenas extremamente próximas dos eventos de protestos, como os conflitos entre estudantes e policiais. Elas produzem a sensação de que o espectador está participando efetivamente dos acontecimentos. Sobre essas imagens, o filme traz comentários em formato de voz *over*, e também comentários a partir das cenas dos jovens estudantes sobre o gramado.

A política começa a preceder a criação estética. Porém, é claro, o fazer cinematográfico impõe a necessidade de criação de imagens e sons com elementos que representam essa nova conjuntura. Era o fim do cinema *pop* e apolítico da Nouvelle Vague. O filme questiona e denuncia os problemas da antiga maneira de fazer cinema. O ato de filmar e o fazer cinematográfico se tornaram mais interessantes que o resultado final.

FIGURAS 7



FIGURAS 8, 9, 10



O GRUPO DZIGA VERTOV

Godard, em uma entrevista para a revista *Cinema 73*, comenta:

Eu acho que atualmente não existe cinema revolucionário. Aqueles que poderiam fazer cinema revolucionário não sabem bem o que é o cinema e, portanto, não fazem cinema; e os que estão por dentro [sic] em cinema não sabem o que é luta de classes (...). Então, nós podemos ver um filme sobre um resistente, sobre um guerrilheiro, mas não será um filme revolucionário, será um filme sobre um revolucionário... (GODARD, apud ROSEMBERG FILHO, 1985, p. 143)

É nesse embate que o Grupo Dziga Vertov se formou, no encontro entre Godard, vindo do campo do cinema, e Gorin, um militante de 1968 que buscava o cinema como uma tarefa política. Era a tentativa de uma unidade entre dois contrários. Não tentavam fazer um cinema político, mas fazer politicamente o cinema.

O nome do grupo surge não para uma aplicação mecânica do programa de Dziga Vertov, cineasta soviético e bolchevique, mas como porta-bandeira de seu tipo de cinema, que consistia em “abrir os olhos e mostrar o mundo em nome da ditadura do proletariado” (idem, p. 146).

Não se tratava de uma busca por novas formas, mas uma busca por novas relações em que as novas formas surgiriam das contradições sociais, dos embates políticos e das lutas. O cinema deveria ser parte de um trabalho militante, que pudesse sintetizar a conjuntura latente. A dialética entre a forma e o conteúdo, no momento de efervescência de 1968, seria a matéria-prima capaz de gerar uma nova estética.

Gorin comenta em uma entrevista para a revista *Sight and Sound*:

Achamos que a divisão entre documentário e ficção é falsa. Tudo na tela é ficção. É o que Dziga Vertov procurou nos cinejornais da revolução bolchevista. (...) Vertov estava, realmente, fazendo filmes de ficção, usando elementos de realidade (...). (apud ROSEMBERG FILHO, 1985, p. 151)

A espontaneidade das cenas da reunião dos estudantes, junto com a colagem de imagens de protestos de inúmeros cineastas, faz dessa produção um filme de superação da autoria, marca da Nouvelle Vague. O filme é apenas um “abrir de olhos”, assim como no cinema de Vertov, para as questões e debates latentes da época.

A conjuntura de 1968 impõe a Godard uma busca por novas sínteses e o faz repensar completamente o seu fazer cinematográfico. O grupo Dziga Vertov foi capaz de desenvolver uma “forma” particular de fazer cinema. Ainda que a Nouvelle Vague tenha sido uma ruptura com as formas do cinema clássico, isso não bastava após 1968. Era preciso repensar, por completo, o cinema, suas premissas produtivas e o modo de circulação. *Un film comme les autres* foi um primeiro passo nessa direção.

MARCELA AZEREDO SANTOS FLEURY – Mestranda em História Econômica na USP. A autora tem interesse pelas obras plásticas e cinematográficas dos construtivistas russos. O presente artigo foi apresentado como trabalho final do curso “Revoluções culturais, revoluções francesas”, ministrado pelos professores Luiz Renato Martins, Ana Paula Pacheco e o professor convidado Serge Bianchi. Contato: marcela.fleury@usp.br.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GRUPO DZIGA VERTOV. *Un film comme les autres*. França, 1968, 16 mm, cor e p/b, 103', som ótico. Ficha técnica – direção: Jean-Luc Godard, imagens originais: J. L. Godard y William Lubtchansky, em cor (Ektachrome), imagens de arquivo: Filmadas em branco e preto pelo Grupo Arc, em maio de 1968, montagem: J. L. Godard, Christine Aya, “intérpretes”: três estudantes militantes de Nanterre, dois militantes operários da Renault-Flins, produção: Anouchka Films, rodagem: julho de 1968.

ROSEMBERG FILHO, Luis (org.). *Godard, Jean-Luc*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.

TROTSKY, LEON. *O Programa de transição*. Tradução de Ana Beatriz Moreira. São Paulo: Tykhe, 2009.

